

# IMBITUBA

## NAS CONJUNTURAS DO TEMPO

Maria Aparecida Pamato Santanna

Imbituba-SC - 2016

"Projeto realizado com apoio do Governo de Imbituba,  
Secretaria Municipal de Turismo, Esporte e Cultura - SETEC,  
Programa Municipal de Incentivo à Cultura - PROCULT/2016"



Apoio Cultural Fertisanta  
pela lei nº 4276/2013

© 2016 Livropostal Distribuidora de Livros

Produção Editorial  
Livropostal Editora

Revisão  
Sandra Garcia Cortês

Diagramação  
Equipe da Livropostal

Capa  
Autamir Gonzalez

Todos os direitos reservados à Maria Aparecida Pamato Santanna.  
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer  
forma ou por qualquer meio eletrônico, incluindo ainda o uso da  
internet, sem permissão expressa do Autor (Lei nº 9.610 de 19/02/98)

---

Santanna, Maria Aparecida Pamato

Imbituba Nas Conjunturas do Tempo / Maria  
Aparecida Pamato Santanna - Imbituba-SC

1. Historia

ISBN 978-85-61365-32-5

---

Livropostal Distribuidora de Livros Ltda  
Rua Irineu Bornhausen, 360 - Centro  
8870-000 - Imbituba-SC  
Tel. (48) 3255-8382 - Cel. (48) 9922-5467  
atendimento@livropostal.com.br - www.livropostal.com.br



## X – Armações Baleeiras a Serviço da Economia

As atividades de caça às baleias da espécie “*Franca*” tiveram início no Sul de Santa Catarina, em 1796, por determinação do Marquês de Pombal, como já vimos. Imbituba teve a quarta armação de caça às baleias instalada no Brasil, considerada a mais rentável no Brasil Colônia, por Pedro Quintela e João Ferreira Sola. A pesca da baleia e o aproveitamento da gordura e barbatanas comercializadas contribuíram para o crescimento populacional e econômico de Imbituba como arraial.

No século XIX, essa modalidade pesqueira tornou-se a principal ocupação da região. Os lucros compensavam; baleias de grande porte eram abatidas semanalmente, de agosto a setembro; ou mais. Rebocadas até a praia, eram retalhadas. A gordura era levada até o barracão (da baleia), na Praia de Baixo, e derretida nas autoclaves, com capacidade para oito ou doze toneladas, fervida em banho-maria, por três horas, até virar óleo. O óleo se destinava à iluminação pública, em especial, de São Paulo e Rio de Janeiro, e à composição de argamassa usada na construção de fortalezas, faróis, prédios públicos e particulares e residências.

As barbatanas alcançavam alto valor comercial na Europa, onde eram industrializadas, virando espar-

tilhos, usados pelas nobres damas (França, Portugal, Espanha, Itália...) e na fabricação de pentes, agulhas. Na caça à baleia em canoas a remo, eram usadas duas armas um tanto primitivas: “Bomb-lance” que consistia numa lança com cabo de madeira, tendo no centro um tubo de 60 cm, com uma polegada de diâmetro, contendo dinamite e arpão, preso a uma longa corda. Um pescador se aproximava da baleia num barco a remo, acendia a dinamite e enterrava a lança no dorso do cetáceo. Junto, outro pescador lançava o arpão para prender o animal que se debatia, enquanto era puxado até a praia pelos pescadores.

Em 1801, com o fim do monopólio dessa pesca sob a Administração da Fazenda Imperial, 525 escravos realizavam o “trabalho duro” nas armações de Santa Catarina, tirando desse trabalho o sustento de cada dia. “sem privilégios, pagando direitos às “Coroas””



Acervo Autora - Década de 1950.

Com resultados insatisfatórios em 1837, e a escassez da espécie, restaram apenas as Armações de Garopaba (1<sup>a</sup>) e de Imbituba (4<sup>a</sup>). Em Imbituba, a pesca da baleia continuou por mais de um século, após a proibição. Uggero Pittigliani, Antônio de Bona, Domingos Costa, Antônio Paes, Antônio Pittigliani e o joinvilense Hermes Ksemodew exploraram essa modalidade de pesca comercialmente. Este último modernizou-a, introduzindo o canhão que aumentou a possibilidade de acerto. Tratava-se de arpão, com lançamento à distância, oferecendo menos riscos aos pescadores.



O artefato foi inventado pelo uruguaio Hypólito Eudório Rodriguez, cognominado “Espanhol”, que

foi um dos fundadores e jogador do IAC. Além de bom jogador de futebol no Imbituba Atlético Clube, era especialista em mecânica e veio trabalhar na oficina da Cia. Docas, nos anos de 1922 a 1938. (Depoimento da filha Nielva Rodriguez à minha Coluna “*Revivendo a História Imbitubense*”, no Jornal O Popular Catarinense, 2012). Substituiu-o, como encarregado, outro inteligente mecânico, nascido no Distrito de Mirim, o senhor Aristides Coelho, que permaneceu à frente dessa secção por longos anos, até sua aposentadoria.

Em 1973, foi morta a última baleia Franca em Imbituba, sob a responsabilidade do empresário da pesca Aldo Pittigliani. O cetáceo media quatorze metros e rendeu quarenta tambores de óleo, cada um com duzentos quilos. Foram vendidos para a Indústria Química de São Leopoldo-RS. As armações baleeiras entraram em falência, pois os produtos derivados do cetáceo perderam valor com a descoberta do petróleo e a fabricação de cimento. Apenas os curtumes do Rio Grande do Sul utilizavam o óleo de baleia.

José Bonifácio de Andrada e Silva, “*O Patriarca da Independência*”, foi a primeira autoridade brasileira a dar depoimento histórico contra a matança das baleias. O imbitubense José Herculano Pires, vulgo “*Zé Pires*”, relatou, em entrevista ao Jornal O Estado (29/08/75, p. 9), que 1957 foi o ano em que mais baleias foram abatidas em Imbituba. “*De agosto a setembro, elas (as baleias) passavam no mar aos montes e pare-*

*ciam troncos de madeiras pretas boiando*". Disse, ainda, que uma das dez mortas numa semana foi a 20 m da rebentação, bem em frente ao antigo Hotel Imbituba. Media quinze metros e rendeu, para o empresário, 109 tambores de óleo. (Revivendo a história Imbitubense)

Dois fatos curiosos me foram narrados em entrevista, sobre a utilização doméstica do óleo e utilização comercial dos ossos da baleia. O primeiro relato foi feito por uma senhora moradora da Vila Nova Alvorada (Divinéia). Filha de escravos que trabalhavam nas lavouras de Campo D'Una, Dona Celina Honorato. Lá nasceu e foi criada pelo proprietário das terras, o patriarca da família Damázio, após a morte de seu pai. Em vida, os descendentes "*Damázio*" ainda a chamavam de "*Tia Celina*", considerando-a membro da família. Dona Celina, com 99 anos, era muito lúcida, com porte e modos de falar muito elegantes. Faleceu aos 100 anos de idade, em 25/08/2011.

Dona Celina veio morar próximo ao barracão da baleia, com o marido e o filho Valdo, recém-nascido, no casebre de Tia Carlota (escrava alforriada), assim que chegaram aqui. Contou-me: "*a gente guardava um pouco do óleo da baleia para pingar no café ou na água e dar às crianças, para crescerem fortes e ter boa memória. Era o fortificante para os filhos dos pescadores e dos pobres*"! O segundo relato foi o do senhor José Gregório, aos 80 anos, morador de Vila Nova e contou que trabalhou dos treze aos quinze anos, num frigorífico,

---

próximo ao porto.

Quando matavam baleia, ele era um dos chamados para transportar o toucinho e picá-lo no barracão da baleia, para ser transformado em óleo. Segundo ele, retirado o óleo, eram colocados os ossos da baleia e de outros animais abatidos, como bois, carneiros e porcos. Eram trazidos de caminhão, das redondezas até o barracão. Tudo era fervido nas caldeiras, mexido com longas pás de madeira, até esfarelar e esfriar. Viravam farinha de ossos que era ensacada e vendida como adubo para as lavouras. "Nada se perdia"!



*Foto: Barracão da baleia, reconstruído - atual Museu da Baleia.*

Com a desativação do Barracão da Baleia, após a proibição definitiva da pesca do cetáceo, o senhor José Pires tornou-se zelador do local até falecer, em 1979. Daí em diante, o imóvel histórico ficou à mercê de vândalos, como outros que veremos mais adiante. Destacaram-se como pescadores de baleias: José Nemésio, Joaquim dos Santos (Joaquim da Bilica), Sedolino Matos, Antônio Pittigliani e seu filho Achilles, João Saruga e tantos outros.

## XI – Da Armação à Capital Nacional da Baleia Franca

Em 1982, teve início o Projeto Baleia Franca, com o objetivo de pesquisar e monitorar a espécie, além de conscientizar e educar a população sobre a importância delas nas nossas praias. O que o projeto tem de mais importante é a identificação individual desses mamíferos através das características próprias, as calosidades ou verrugas, que atuam como impressão digital. Esse projeto é ministrado pela “Coalizão Internacional da Vida Silvestre (WIC) Brasil”, e com a parceria do município de Imbituba, há mais de dez anos.



Foto: Acervo Prefeitura

A caça à baleia no Brasil só foi proibida em 1987, por Lei Federal. O Governo de Santa Catarina reconheceu a sua importância histórica, ecológica e turística em 1995 e declarou a "*Eubalaena Australis*" (nome científico) que significa "*Baleia Verdadeira do Sul*", como monumento natural do estado. Com isso, o Governo Municipal, em parceria com o Projeto Baleia Franca (PBF) e empresários locais, reconstruiu o barracão da baleia, transformando-o em "*Museu da Baleia Franca*", que passou a ser administrado pela "APA". Recentemente, a Prefeitura Municipal recebeu a posse do museu, com a responsabilidade de reorganizá-lo. A APA - Área de Proteção Ambiental foi criada em 24/09/2000, por Decreto Federal, e é administrada pelo IBAMA.

A APA, além de outras atribuições naturais, protege uma parcela expressiva dos ambientes naturais da costa imbitubense, por ser o "*coração*" da área de proteção da baleia franca. Aqui, as baleias têm seus filhotes, amamentam e acasalam entre julho e novembro, permanecendo em maior número, na Praia da Ribanceira - Bairro Vila Esperança.

O Instituto Baleia Franca oferece três modalidades didáticas que viabilizam conhecimentos mais dinâmicos aos turistas sobre esses grandes mamíferos que são dóceis, oferecem um espetáculo vibrante de amor à espécie e de tranquilidade na vida marinha:

1) Observação por terra - Os "Tours" são feitos com transporte de apoio. As avistagens são realizadas com binóculos ou a olho nu.

2) Observação embarcada - Os passeios marítimos são realizados de acordo com a Legislação Brasileira de Observação dos Cetáceos. Duram cerca de duas horas e realizadas em embarcações habilitadas pela Marinha do Brasil. (modalidade proibida, na região, por tempo indeterminado, em 2013).

3) Educação ambiental - consiste em informações passadas ao público sobre biologia, comportamento, importância histórica e de preservação da espécie, através de palestras e exposições. (Jornal O Popular Catarinense de Imbituba)

Para a alegria dos que lutam pela preservação da espécie e pelo turismo sustentável, em 1992 o então Presidente da República, em exercício, Itamar Franco sancionou a Lei n. 12.282, outorgando o título de Capital Nacional da Baleia Franca ao município de Imbituba, publicado somente, no Diário Oficial da União, na seção 1, de 06/07/2010

Nota - Os municípios de Imbituba, Garopaba e Laguna, representados por empresários, Secretários de Turismo e Procuradores Gerais desses municípios, em reunião na sede da ACIM, com o Procurador do Estado, Cláudio Zock de Moura e o Secretário de Estado do Turismo, Valdir Walendowsky, receberam

---

orientação para formular lei municipal, a fim de regulamentar e fiscalizar a observação embarcada de baleias, e assim, reverter proibição imposta pela justiça; o que está sendo encaminhado. (Jornal O Popular Catarinense, Imbituba, 2014).

Considerando que “os Governos Estadual e Municipal, em parceria com o IBF, abriram oficialmente, no Floripa Shopping, em 17/07/2010, a 12ª temporada de observação de baleia Franca em Santa Catarina, abrangendo desde a Praia da Armação em Florianópolis até a Praia do Rincão em Criciúma, num total de oito municípios” (Fontes: SERAFIM, Armando. Redescobrimo Imbituba, 2006. Diário Catarinense, julho/2010. O Popular Catarinense, 07/2010).

Nos invernos muito distantes, também a pesca da tainha se tornava um grande evento para o povoado. Num deles, em junho de 1935, com dificuldade, pescadores, seus auxiliares e moradores ajudaram a puxar a rede que trazia mais de 60 mil tainhas. Contavam os mais antigos que todos os que estavam na praia receberam tainhas; muitas foram levadas em carros de boi e carroças aos moradores do interior; ou despachadas de trem para cidades do sul, acondicionadas em caixas de madeira, gelo e serragem, oferecidos pela Cia. Docas. As muitas que restaram foram enterradas, por não haver gente suficiente para consumi-las. A pesca da tainha acontece de maio a meados

de julho. A foto abaixo registra o resultado obtido com essa pesca na Praia de Baixo, próxima ao porto, enviada a um jornal do Rio de Janeiro, que a destaca com a seguinte manchete: *“Brasil Formidável”*. *“Um lanço de 64.600 tainhas na enseada de Imbituba, no Estado de Santa Catarina. Photographia gentilmente enviada a CHA. E Qui. Pelo nosso assinante amigo, Sr. Humberto Zanella e cujo espetáculo teve o prazer de presenciar”!* (1935)



*Foto: Acervo Cia. Docas de Imbituba.*

Há alguns anos, os pescadores artesanais vêm sofrendo com a pesca industrial, que utiliza grandes barcos e impede que as *“mantas de tainhas”* cheguem próximas às praias, gerando sério problema social. Esses barcos, muitas vezes, desobedecem à legislação

que regulamenta a aproximação deles até 200 m da praia. À noite, é possível observar grandes barcos pesqueiros muito próximos às Ilhas Santana de Dentro e Santana de Fora, em busca de safras diversas, na Praia da Vila.



*Foto: Elton Luz.*